

Théophile Gautier A morta apaixonada

VOCÊ ME PERGUNTA, IRMÃO. SE EU AMEI; amei, sim. É uma história especial e terrível e, embora eu tenha 66 anos, quase não ousa revolver as cinzas dessa lembrança. Nada quero recusar-lhe, mas não faria narrativa semelhante a uma alma menos experiente. São fatos tão estranhos que não posso acreditar que me tenham acontecido. Fui, durante mais de três anos, o joguete de uma ilusão singular e diabólica. Eu, pobre pároco do interior, levei em sonhos todas as noites (Deus queira que seja um sonho!) uma vida de condenado, uma vida de mundano e de Sardanapalo. Um único olhar complacente lançado a uma mulher quase provoca a perda de minha alma; mas, enfim, com a ajuda de Deus e de meu santo padroeiro, consegui expulsar o espírito maligno que se havia apossado de mim. Minha vida se havia emaranhado com uma vida noturna completamente diferente. Durante o dia, eu era um pároco do Senhor, casto, ocupado com a oração e as coisas santas; à noite, tão logo fechava os olhos, tornava-me um jovem senhor, perito conhecedor de mulheres, cães e cavalos, jogando dados, bebendo e blasfemando. E, quando ao raiar do dia eu despertava, parecia-me ao contrário que adormecia e sonhava que era pároco. Desta vida sonambúlica ficaram-me lembranças de objetos e palavras dos quais não me posso defender e, embora jamais tenha saído dos muros de meu presbitério, dir-se-ia, ao me ouvir falar, um homem que, tendo experimentado de tudo e voltado do mundo, entrou para a religião e deseja terminar no seio de Deus seus dias demasiado agitados, e não um humilde seminarista que envelheceu numa paróquia desconhecida, no fundo de um bosque e sem qualquer contato com as coisas

seculares.

Sim, amei como ninguém no mundo amou, com um amor insensato e furioso, tão violento que me surpreendo de que ele não tenha feito explodir meu coração. Ah!, que noites, que noites!

Desde minha mais tenra infância, senti-me com a vocação para o estado de sacerdote; todos os meus estudos foram também dirigidos nesse sentido, e minha vida, até os 24 anos, nada foi senão um longo noviciado. Completada a minha teologia, passei sucessivamente por todas as pequenas ordens e meus superiores me julgaram digno, apesar de minha juventude, de transpor o último e temerário grau. O dia de minha ordenação foi marcado para a semana de Páscoa.

Eu nunca estivera no mundo; o mundo era para mim o reduto do colégio e do seminário. Eu sabia vagamente que havia algo que se chamava mulher, mas não detinha nisso meu pensamento; eu era de uma inocência perfeita. Só via minha mãe velha e enferma duas vezes por ano. Estas eram todas as minhas relações com o exterior.

Nada me fazia falta, eu não sentia a menor hesitação diante daquele engajamento irrevogável: estava cheio de alegria e impaciência. Nunca um jovem noivo contou as horas com ardor mais febril; eu não dormia, sonhava que dizia a missa; ser pároco, nada havia para mim de mais belo no mundo; eu teria recusado ser rei ou poeta. Minha ambição nada concebia.

O que digo agora é para lhe mostrar o quanto o que me aconteceu não deveria me acontecer, e de que fascínio inexplicável fui vítima.

Chegado o grande dia, eu ia para a igreja com um passo tão leve que me parecia estar suspenso no ar ou ter asas nos ombros. Acreditava-me um anjo e me surpreendia com a fisionomia sombria e preocupada de meus

companheiros; pois éramos muitos. Eu havia passado a noite orando e estava num estado que quase beirava o êxtase. O bispo, velhinho venerável, parecia-me

Deus, o Pai, inclinado sobre sua eternidade, e eu via o céu através das arcadas do templo.

Você conhece os detalhes da cerimônia: a bênção, a comunhão sob as duas espécies, a unção da palma das mãos com o óleo dos catecúmenos, e, finalmente, o santo sacrifício, oferecido juntamente com o bispo. Não me deterei nisto. Oh, como Jó tinha razão e como é prudente aquele que não compactua com seus olhos! Ergui por acaso a cabeça, que mantivera até então inclinada, e vi a minha frente, tão perto que poderia tocá-la, embora, na realidade, ela estivesse a uma distância bastante grande e do outro lado da balaustrada, uma jovem de rara beleza e vestida com uma magnificência real. Foi como se escamas me caíssem das pupilas. Tive a mesma sensação de um cego que recuperasse subitamente a visão. O bispo, tão resplandecente havia pouco, apagou-se de repente, as velas empalideceram sobre os candelabros em ouro como as estrelas pela manhã, e em toda a igreja se fez uma completa escuridão. A encantadora criatura destacava-se contra aquele fundo de sombras como uma revelação angelical; parecia estar iluminada por ela mesma e proporcionar luz em vez de recebê-la.

Abaixei as pálpebras, decidido a não mais erguê-las para me subtrair à influência dos objetos externos; pois a distração me invadia cada vez mais e eu mal sabia o que fazia.

Um minuto depois reabri os olhos, pois, através de meus cílios, eu a via faiscante com as cores do prisma e numa penumbra purpúrea como quando se olha para o sol.

Ah! Como ela era bela! Os maiores pintores, quando, perseguindo nos céus

a beleza ideal, trouxeram para a terra o divino retrato da Madona, sequer se aproximaram daquela fabulosa realidade. Nem os versos do poeta nem a paleta do pintor conseguem representá-la. Ela era bastante alta, com aparência e porte de deusa; seus cabelos, de um louro suave, separavam-se no alto da cabeça e corriam-lhe sobre as têmporas como dois rios de ouro; dir-se-ia uma rainha com seu diadema; sua testa, de uma brancura azulada e transparente, estendia-se larga e serena sobre os arcos de dois cílios quase marrons, singularidade que realçava ainda mais o efeito das pupilas verde-mar de vivacidade e brilho insustentáveis. Que olhos! Com um clarão decidiam o destino de um homem; tinham uma vida, uma limpidez, um ardor, uma umidade brilhante que eu nunca vira num olho humano; deles partiam raios como flechas e que eu via claramente atingirem meu coração. Não sei se a chama que os iluminava vinha do céu ou do inferno, mas com certeza vinha de um ou de outro. Aquela mulher era um anjo ou um demônio, e talvez ambos; ela certamente não saíra do flanco de Eva, a mãe comum. Dentes da mais bela água cintilavam em seu sorriso vermelho e pequenas covinhas se criavam a cada inflexão de sua boca no cetim rosa de suas adoráveis faces. Quanto a seu nariz, era de uma delicadeza e de um orgulho absolutamente reais e revelava a mais nobre origem. Reflexos de ágata brincavam sobre a pele lisa e reluzente de seus ombros semi-encobertos, e fileiras de grandes pérolas claras, de um tom quase semelhante a seu pescoço, desciam-lhe sobre o colo. De tempos em tempos, ela erguia a cabeça com um movimento ondulante de serpente e pavão que se exhibe e imprimia um leve frêmito à gola alta bordada que a envolvia como uma armadura de prata.

Ela usava um vestido de veludo nacarado e de suas largas mangas forradas

de arminho saíam mãos aristocráticas de infinita delicadeza, com dedos longos e arredondados e de tão ideal transparência que deixavam passar a luz como aqueles da Aurora.

Todos estes detalhes estão ainda tão presentes em mim como se datassem de ontem e, mesmo que eu estivesse extremamente perturbado, nada me escapava: a mais leve nuance, o pequeno ponto negro no canto do queixo, a imperceptível penugem nas comissuras dos lábios, o aveludado da testa, a sombra trêmula dos cílios sobre as faces, eu absorvia tudo com uma lucidez espantosa.

À medida que eu a olhava, sentia abrirem-se em mim portas que até então haviam estado fechadas; respiradouros obstruídos destampavam-se em todos os sentidos e deixavam entrever perspectivas desconhecidas; a vida me surgia sob um aspecto totalmente novo; eu acabava de nascer para uma nova ordem de idéias. Uma angústia aterrorizante parecia-me um segundo e um século. A cerimônia, entretanto, avançava e eu era levado para bem longe do mundo cuja entrada meus desejos nascentes assediavam furiosamente. Eu disse então sim quando queria dizer não, quando tudo em mim se revoltava e protestava contra a violência que minha língua fazia a minha alma; uma força oculta arrancava-me as palavras da garganta, ainda que eu não o quisesse. Talvez seja isto o que faz com que tantas jovens caminhem para o altar com a firme resolução de recusar violentamente o esposo que lhes é imposto e que nenhuma delas execute seu plano. Certamente é isto o que faz com que tantas noviças tomem o véu, embora bem decididas a rasgá-lo em pedaços no momento de pronunciar os votos. Não se ousa causar tal escândalo diante de todos, nem frustrar a expectativa de tanta gente; todas aquelas vontades, todos aqueles olhares parecem pesar sobre você como uma manta de chumbo; e

depois as medidas foram tão bem tiradas, tudo foi tão bem acertado de
antemão, de uma forma tão evidentemente
irrevogável, que o pensamento cede ao peso da coisa e se anula por completo.

O olhar da bela desconhecida mudava de expressão conforme progredia a
cerimônia. De terno e acariciante que era no início, tomou um ar de desdém e
de descontentamento, como se não tivesse sido compreendido.

Fiz um esforço suficiente para arrancar uma montanha, para gritar que não
queria ser padre; mas não consegui; minha língua ficou grudada em meu
palato e me foi impossível traduzir minha vontade pelo menor movimento
negativo. Eu estava, inteiramente desperto, num estado semelhante ao do
pesadelo, quando se quer dar um grito do qual depende nossa vida, sem
conseguir fazê-lo.

Ela pareceu sensível ao martírio pelo qual eu passava e, como para me
encorajar, lançou-me um olhar cheio de promessas divinas. Seus olhos eram
um poema no qual cada olhar formava um verso.

Ela me dizia:

"Se quiseres ser meu, eu te farei mais feliz do que o próprio Deus em seu
paraíso; os anjos sentirão ciúmes de ti. Rasga esta fúnebre mortalha na qual te
vais envolver; eu sou a beleza, eu sou a juventude, eu sou a vida; vem a mim,
nós seremos o amor. O que poderia Jeová te oferecer como compensação?

Nossa vida passará como um sonho e nada será além de um beijo eterno.

Deita por terra o vinho deste cálice, e estarás livre. Eu te levarei para as
ilhas desconhecidas, dormirás sobre meu seio, num leito de ouro maciço e sob
um dossel de prata; pois eu te amo e te quero tomar a teu Deus, diante de
tantos corações nobres correm rios de amor que não chegam até ele."

Parecia-me ouvir aquelas palavras num ritmo de infinita doçura, pois seu

olhar quase tinha sonoridade e as frases que seus olhos me enviavam ecoavam no fundo de meu coração como se uma boca invisível as tivesse soprado em minha alma. Eu me sentia prestes a renunciar a Deus, contudo meu coração cumpria maquinalmente as formalidades da cerimônia. A bela me lançou um olhar tão suplicante, tão desesperado, tantas lâminas agudas me trespassaram o coração, que senti mais punhais no peito do que a mãe sente dores.

Estava feito, eu era padre.

Jamais uma fisionomia humana revelou angústia tão pungente; a jovem que vê seu noivo tombar subitamente morto a seu lado, a mãe junto ao berço vazio

de seu filho. Eva sentada à porta do paraíso, o avaro que encontra uma pedra em vez de seu tesouro, o poeta que deixou cair no fogo o manuscrito único de sua mais bela obra não têm um ar mais aterrado e mais inconsolável. O sangue abandonou completamente seu rosto encantador e ela ficou de uma brancura de mármore; seus belos braços caíram ao longo de seu corpo como se os músculos houvessem sido desligados, e ela se apoiou contra uma pilastra, pois suas pernas se dobravam e desmoronavam sob ela. Quanto a mim, lívido, a testa inundada de um suor mais sangrento do que o do Calvário, dirigi-me cambaleando para a porta da igreja; eu sufocava; as abóbadas se achatavam sobre meus ombros e me parecia que minha cabeça sustentava sozinha todo o peso da cúpula.

Quando eu ia cruzar a soleira, uma mão apossou-se bruscamente da minha; uma mão de mulher! Eu jamais tocara em alguma. Era fria como a pele de uma serpente e o aperto me deixou ardente como a marca de um ferro em brasa. Era ela.

— Infeliz! Infeliz! O que você foi fazer? — disse-me ela em voz baixa, e desapareceu na multidão.

O velho bispo passou; olhou-me com ar severo. Eu tinha a atitude mais estranha do mundo; eu empalidecia, eu ruborizava, eu tinha desmaios. Um de meus companheiros teve pena de mim, ele me segurou e me conduziu; eu teria sido incapaz de encontrar sozinho o caminho para o seminário. Na esquina de uma rua, enquanto o jovem padre virava a cabeça para um outro lado, um pajem negro, estranhamente vestido, aproximou-se de mim e me entregou, sem parar de andar, uma pequena carteira de notas com os cantos cinzelados em ouro, fazendo-me sinal para que eu a escondesse; eu a fiz escorregar pela minha manga e a mantive ali até que fiquei a sós em minha cela. Abri o fecho, havia apenas duas folhas com estas palavras:

"Clarimunda, no palácio Concini." Eu sabia então tão pouco a respeito das coisas da vida que não conhecia Clarimunda, apesar de sua fama, e ignorava por completo onde ficava o palácio Concini. Fiz mil conjecturas, cada uma mais extravagante do que as outras, mas, na verdade, contanto que eu pudesse revê-la, estava muito pouco preocupado com o que ela pudesse ser, grande dama ou cortesã.

Aquele amor nascido havia pouco estava indestrutivelmente enraizado; eu sequer pensava em tentar arrancá-lo, tanto eu sentia que seria tarefa impossível. Aquela mulher se apossara de mim por completo, um único olhar teria sido suficiente para me modificar; ela me bafejara sua vontade; eu não vivia mais em mim, mas nela e por ela. Eu fazia mil extravagâncias, beijava em minha mão o lugar que ela havia tocado e repetia seu nome por horas inteiras. Só precisava fechar os olhos para percebê-la com tanta clareza como se ela estivesse realmente presente, e eu me repetia as palavras que ela me dissera no portal da igreja: "Infeliz! Infeliz! O que fizeste?" Eu percebia todo o horror da minha situação, e os aspectos fúnebres

do estado que eu acabava de abraçar eram-me claramente revelados. Ser padre! Quer dizer casto, não amar, não distinguir sexo ou idade, afastar-se de qualquer beleza, furar-se os olhos, vagar sob a sombra glacial de um claustro ou de uma igreja, não ver senão moribundos, velar junto a cadáveres desconhecidos e usar seu luto sobre sua batina negra, de tal modo que se pode fazer de sua roupa um lençol para seu caixão!

E eu sentia a vida subir em mim como um lago interior que enche e transborda; meu sangue batia com força em minhas artérias; minha juventude, por tanto tempo oprimida, explodia repentinamente como uma babosa, que leva cem anos para florescer e que desabrocha como um raio.

Como fazer para rever Clarimunda? Eu não tinha qualquer pretexto para sair do seminário, não conhecia uma só pessoa na cidade; nem mesmo deveria ficar lá e esperava apenas que me fosse designada a paróquia que deveria ocupar. Eu tentava arrancar as grades da janela, mas ela ficava a uma altura apavorante e, não tendo escada, não podia nem pensar naquilo. E, aliás, eu só poderia descer à noite; e como me teria guiado no intrincado emaranhado das ruas? Todas aquelas dificuldades, que nada teriam sido para outros, eram imensas para mim, pobre seminarista, apaixonado desde ontem, sem experiência, sem dinheiro e sem roupas.

Ah!, se eu não tivesse sido padre, teria podido vê-la todos os dias; teria sido seu amante, seu esposo, eu me dizia em minha cegueira; em vez de estar embrulhado em meu triste sudário, teria roupas de seda e de veludo, correntes de ouro, uma espada e plumas como os belos jovens cavalheiros. Meus cabelos, em vez de desonrados por uma grande tonsura, brincariam ao redor de meu pescoço em cachos ondulantes. Eu teria um grande bigode untuoso, eu seria um bravo. Mas uma hora passada diante de um altar, algumas palavras

mal articuladas me baniram para todo o sempre do número dos vivos, e eu mesmo selara a pedra de meu túmulo, eu empurrara com a minha mão o ferrolho de minha prisão!

Fui para a janela. O céu estava admiravelmente azul, as árvores haviam posto seu vestido de primavera, a natureza ostentava uma irônica alegria. O lugar estava cheio de gente; uns iam, outros vinham; jovens dândis e jovens beldades, casal por casal, dirigiam-se para os lados do jardim e dos bosques.

Companheiros passavam cantando refrãos falando de bebida; eram um movimento, uma vida, um ardor, uma alegria que ressaltavam tristemente meu luto e minha solidão. Uma jovem mãe, à soleira da porta, brincava com seu filho; ela beijava sua boquinha rosada, ainda orvalhada de gotas de leite, e fazia, provocando-o, mil daquelas divinas puerilidades que só as mães sabem fazer. O pai, que estava de pé a alguma distância, sorria suavemente para aquele grupo encantador, e seus braços cruzados comprimiam sua alegria sobre seu coração. Não fui capaz de suportar aquele espetáculo; fechei a janela e me atirei na cama com um ódio e um ciúme pavorosos no coração, mordendo os dedos e as cobertas como um tigre em jejum há três dias.

Não sei quantos dias fiquei assim; mas, virando-me num movimento de espasmo furioso, vi o abade Serapião que estava de pé no meio do quarto e me olhava atentamente. Tive vergonha de mim mesmo e, deixando cair minha cabeça sobre o peito, cobri meus olhos com as mãos.

— Romualdo, meu amigo, algo extraordinário está acontecendo com você — disse-me Serapião após alguns minutos de silêncio. — Sua conduta é realmente inexplicável! Você, tão piedoso, tal calmo e tão doce, está se agitando em sua cela como uma besta feroz. Tome cuidado, meu irmão, e não ouça as sugestões do diabo; o espírito astuto, irritado por você estar para todo

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

